

Formação de monitores para o Seminário NAI: experiência no Polo Cederj Caxias

Alessandro CÂMARA
Raquel VIEIRA MOTTA

Fundação CECIERJ/Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI)
Rio de Janeiro, BRASIL

Resumo

O **objetivo** deste artigo é apresentar a formação realizada com os monitores do Seminário do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), que teve como foco capacitá-los para o acolhimento adequado de pessoas com deficiência, garantindo um ambiente acessível, inclusivo e livre de barreiras atitudinais. A **metodologia** foi do tipo pesquisa-ação através de um encontro formativo que proporcionou momento de estudo, diálogo e prática, na compreensão de que a acessibilidade não se limita aos aspectos físicos e arquitetônicos, mas envolve também dimensões comunicacionais e relacionais, essenciais para a participação plena de todos em espaços acadêmicos e institucionais. A **fundamentação teórica** baseou-se em Diniz (2007), Campbell (2001), Mello (2016) sobre interação entre corpo e barreiras sociais, e o capacitismo que permeia instituições e processos decisórios, produzindo vulnerabilidades e exclusões, além das normativas da Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). O **resultado** é a sensibilização dos 8 monitores e o fortalecimento de posturas que valorizam a diversidade humana e reconhecem as potencialidades individuais, com destaque para as orientações práticas quanto ao acolhimento de pessoas Surdas e cegas. **Conclui-se** que a formação contribuiu para a construção de práticas inclusivas no Seminário do NAI, reafirmando o compromisso institucional com os direitos das pessoas com deficiência e com a promoção de um espaço verdadeiramente democrático e participativo.

Palavras-chave: Formação de Monitores. Inclusão. Acessibilidade. Capacitismo.

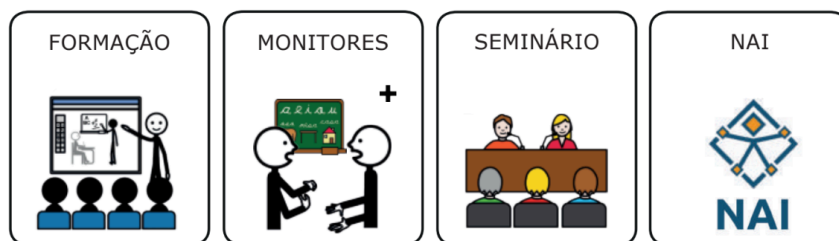
Resumo em Libras

(clique na janela abaixo para acessar o vídeo completo):

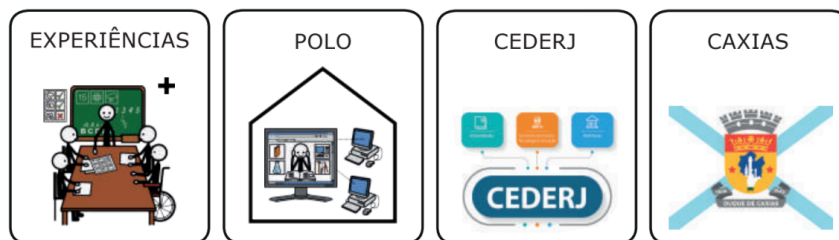


Resumo em CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

(clique na imagem abaixo para acessar o arquivo completo):



Formação De Monitores para o Seminário NAI:



Experiência no Polo CEDERJ Caxias

1. Introdução

O NAI é um núcleo de Acessibilidade e Inclusão na fundação CECIERJ que tem por finalidade auxiliar as pessoas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades, através da oferta de condições para que esses grupos participem dos cursos à distância oferecida pelo consórcio CEDERJ, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Para atingir tais objetivos, o NAI não somente adaptar os materiais para os educandos que deles necessitam, mas também oferta capacitações para os mediadores, funcionários e bolsistas, pois se acredita que a mudança precisa ser também interna e isso só sendo possível através das formações em serviço ou capacitações em que as informações circulem e de maneira que cheguem a todos.

Nesse intuito, o Seminário NAI tem como finalidade promover reflexões sobre inclusão e acessibilidade no ensino superior. Para que a proposta se efetive, torna-se fundamental preparar a equipe de monitores que auxiliará na organização e na mediação com o público, de modo que possam agir com sensibilidade e conhecimento diante das demandas específicas de pessoas com deficiência que participarão do seminário. Nesse contexto, foi planejada uma formação inicial no Polo CEDERJ Caxias, com o intuito de abordar conceitos, práticas e estratégias de acolhimento do público com deficiência que participará do evento. A escolha dos temas capacitismo, cegueira e surdez se justificam pela frequência de barreiras enfrentadas por esses grupos em ambientes acadêmicos e pela necessidade de desconstrução de estigmas e práticas excludentes.

2. Metodologia

Esse trabalho é um relato de experiência sobre uma formação teórica e prática de curta duração, realizada presencialmente no Polo CEDERJ Caxias, destinada aos monitores que atuarão no Seminário NAI.

Com o objetivo de fazer uma capacitação sistemática dos atores sociais que atuam na fundação e no consórcio CEDERJ, o NAI formulou uma oficina denominada “Gotas de Acessibilidade”, a qual discute os conceitos de capacitismo, de pessoa com deficiência, barreiras, barreiras atitudinais, acessibilidade, inclusão, dentre outros.

No início das formações, são apresentadas algumas imagens de pessoas conhecidas nacional e internacionalmente por suas obras. Contudo, elas são pessoas com deficiência, sendo trabalhada a ideia de que deficiência não é sinônimo de incapacidade e que seus corpos divergentes não foram impedimentos para atrapalhar suas carreiras de sucesso.

Essa metodologia de trabalho também foi utilizada na capacitação ocorrida para os monitores do NAI que participaram do seminário e que serão encarregados de oferecer os suportes para as pessoas com deficiência que precisarem.

A acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação [...] por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015, art. 3º).

Com base nas fotos das pessoas conhecidas por suas atuações no campo da arte, das ciências, dentre outros, foi apresentado e discutido o conceito de pessoa com deficiência da LBI (2015) que o artigo segundo afirma ser:

[...] pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015, art. 2º).

Esse é o modelo social da deficiência que se opõe ao modelo médico que identifica no sujeito com deficiência e não no ambiente as razões pelas quais as mesmas são discriminadas. Pelo modelo social, são as barreiras que devem ser eliminadas.

A partir daí, explicou-se o que são barreiras, dando mais ênfase nas barreiras atitudinais que, de acordo com a Lei Brasileira da Inclusão (2015, art. 3º) significa: “[...] atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas;”. A partir disso, as barreiras são as grandes vilãs da inclusão, pois quanto maiores as barreiras, mais dependente a pessoa com deficiência se torna, o inverso também ocorre. Sendo assim, toda a sociedade tem por obrigação eliminar as barreiras e, a capacitação tem esse objetivo de derramar “gotas” de acessibilidade num universo excludente.

Acessibilidade é a eliminação das barreiras que, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão, significa:

[...] barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (Brasil, 2015, art. 3º).

Para discutir a ideia de capacitismo, foi apresentado o documentário “Falas de Acesso”, produzido pela rede Globo de televisão e cedido para nossas capacitações.

Em comemoração ao dia nacional das pessoas com deficiência no ano de 2024, a rede Globo de televisão elaborou um experimento social em que os indivíduos com deficiência colocaram os ditos “normais” para vivenciarem o capacitismo, apresentando situações em que as pessoas ditas “normais” viveram o constrangimento de terem que lidar com episódios embaraçosos que são comuns aos sujeitos com deficiência que passam praticamente todos os dias por tais situações. Entendemos que “[...] o capacitismo se configura como uma forma de opressão que considera a pessoa com deficiência como inferior, anormal ou menos capaz, sustentando práticas discriminatórias e excludentes” (Diniz, 2007, p. 25).

Por sua vez, Mello (2016, p. 3272) afirma que

[...] o capacitismo é [...] uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. Essa postura advém de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e se mobiliza para avaliar o que as pessoas com deficiência são capazes de ser e fazer para serem consideradas plenamente humanas.

Ademais, Campbell (2001, p. 44) entende o capacitismo como

[...] uma rede de crenças, processos e práticas que produz um tipo particular de compreensão de si e do corpo (padrão corporal), projetando um padrão típico da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano. A deficiência para o capacitista é um estado diminuído do ser humano.

Independentemente do conceito de capacitismo que nós venhamos a adotar, ações de conscientização precisam ser feitas para que se divulgue o potencial do ser humano e capacitações, como as que fizemos com os monitores, tornam-se fundamentais para a mudança de paradigma da sociedade sobre nós sujeitos com deficiência.

Depois da exibição do vídeo e do debate sobre o assunto, na parte prática, o mediador com deficiência visual simulou uma situação em que um cursista enxergante, de olhos fechados, teve que vivenciar a experiência de ser guiado pelo referido mediador, até o bebedouro que fica fora da sala onde estava sendo realizada a capacitação.

Na parte teórico-prática, a mediadora, que também atua como intérprete de Libras, de forma remota, abordou as necessidades específicas das pessoas surdas e apresentou ações de como é o contato com pessoas surdas e sinais básicos de comunicação. Essa

iniciativa possibilitou que tanto elas quanto os mediadores pudessem estabelecer um entendimento mínimo, favorecendo a interação e a inclusão no processo formativo.

Como exemplo de recursos para a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, foram apresentadas noções de ações e sinais básicos que podem ser utilizados em situações de contato inicial, tais como: Olá, Bem-vindo, Prazer, Bom dia, Boa tarde, Boa noite, Ajuda, Intérprete de Libras, Banheiro, Credenciamento, Inscrição, Auditório, Sala, Comida, Lanche, Água, Aguarde um momento, Obrigada, além da introdução ao alfabeto manual.

3. Resultados e Discussão

A formação possibilitou que os monitores refletissem sobre preconceitos estruturais ligados ao capacitismo e identificassem formas de evitá-los em sua prática de acolhimento. O uso do vídeo contribuiu para despertar a empatia e promover uma compreensão crítica das barreiras sociais impostas às pessoas com deficiência. As dinâmicas práticas mostraram-se eficazes para o aprendizado imediato, permitindo que os participantes experimentassem situações comuns de acessibilidade, como a condução de pessoas cegas. Por fim, a introdução a noções sobre surdez e Libras despertou interesse dos monitores e ofereceu um repertório inicial de sinais, o que pode facilitar o atendimento no Seminário. Esse conjunto de atividades promoveu maior segurança, autonomia e consciência dos monitores, reforçando a importância de inserir a acessibilidade como eixo transversal em eventos acadêmicos.

Participaram da capacitação mais de 5 pessoas e não fizemos uma avaliação do evento através de questionários para que os cursistas respondessem. Contudo, voluntariamente, eles nos deram feedback de como essa ação formativa promovida por nós, impactou em suas vidas e na maneira como passaram a encarar a temática da deficiência.

4. Conclusão

A experiência demonstrou que formações direcionadas, mesmo em caráter introdutório, são capazes de gerar impacto significativo na postura dos monitores. A preparação contribuiu não apenas para fornecer ferramentas práticas, mas também para fomentar uma atitude crítica e empática diante da diversidade. Recomenda-se a continuidade dessas formações em outros momentos e principalmente em outros seminários que a fundação CECIERJ promover, mesmo não sendo um evento do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, para que cada vez mais acessibilidade e inclusão seja uma prática comum e um símbolo marcante dessa instituição.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 20 set. 2025.

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Inciting legal fictions:** disability's date with ontology and the ableist body of the law. *Griffith Law Review*, v. 10, p. 42-62, 2001.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

GLOBOPLAY. **Libras:** comunicação e inclusão. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12948361/>. Acesso em: 20 set. 2025.

MELLO, Anahi Guedes de. **Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade:** do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 3265-3276, 2016.